



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão forma a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito Monique de Oliveira Serra Michelle de Sousa Bahury Luciano Torres Tricário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa Rosilene Alves de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar Priscila Francisco da Silva Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior Jéssica Gontijo Nunes Juliane Hirosse Malizia Mariana Araújo Bichuete Cavalcante Millais Lariny Soares Rippel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905066</b>	



<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050614</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
<a href="#">Caroline Mitidieri Selvero</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
<a href="#">Luana Inês Alves Santos</a>	
<a href="#">Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
<a href="#">Neide A. Silva Gomes</a>	
<a href="#">Rosemyriam Cunha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>195</b>
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Maria Andreia Lopes da Silva</a>	
<a href="#">Marilza Nunes de A. Nascimento</a>	
<a href="#">Claudete Cameschi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>205</b>
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
<a href="#">Valdenides Cabral de Araújo Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>218</b>
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
<a href="#">Elizabeth Pereira Barbosa</a>	
<a href="#">Luciana Freitas de Oliveira Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
<a href="#">Raphael Bessa Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>243</b>
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
<a href="#">Luiza Bäumer Mendes</a>	
<a href="#">Marcele Pereira da Rosa Zucolotto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>249</b>
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti	
Christiano Piccioni Toralles	
Raquel Andrade Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050623</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>262</b>
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050624</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050625</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>290</b>
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050626</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>305</b>
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa	
Victória Botelho Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050627</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>310</b>
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo	
Ana Amélia Furtado de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050628</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>326</b>
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050629</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>342</b>
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos	
Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho	
Daniella Brito Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050630</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>352</b>
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>361</b>
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>376</b>
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>384</b>
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida Esther Dutra Ferreira Joane Marieli Pereira Caetano Laís Teixeira Lima Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>397</b>
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>413</b>
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>422</b>
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>437</b>
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
<a href="#">Mirely Christina Dimbarre</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050638</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>449</b>
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
<a href="#">Luciana Specht</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050639</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>459</b>
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
<a href="#">Raquel Souza de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050640</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>468</b>
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
<a href="#">Joseane da Silva Miller Rodrigues</a>	
<a href="#">Eliane Aparecida Galvão dos Santos</a>	
<a href="#">Fernanda Figueira Marquezan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050641</b>	
<b>CAPÍTULO 42</b> .....	<b>476</b>
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
<a href="#">Michelle Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050642</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>490</b>

## O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES

### Neide A. Silva Gomes

Musicoterapeuta pela UNESPAR - Campus II de Curitiba – Faculdade de Artes da Paraná. Graduanda em Direito na UNIANDRADE. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8434232T3> Email: [neidegomes23@hotmail.com](mailto:neidegomes23@hotmail.com)

### Rosemyriam Cunha

Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Doutora em Educação (UFPR, 2008) com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá (2011). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775078J6> Email: [rose05@uol.com.br](mailto:rose05@uol.com.br)

**RESUMO:** Entre as expressões artísticas, a música é a preferida entre os jovens brasileiros. Por meio das atividades musicais eles expressam preferências, atitudes e estilos de vida. Este trabalho teve por objetivo observar e sistematizar as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia. A pesquisa, qualitativa e de intervenção, foi realizada com a observação da interação de um grupo de jovens em experiências musicais e musicoterapêuticas. Foram utilizadas técnicas de recriação de canções, de expressão corporal e do uso de instrumentos musicais. Os dados foram

categorizados e tematizados a partir dos assuntos emergentes. Os resultados mostraram que a atividade musical desencadeou dinâmicas interrelacionais que levaram os participantes a refletir sobre o presente e projetar o futuro em ações de conquista e protagonismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** jovens, música, musicoterapia, grupo.

### WHAT DO YOUNG PEOPLE EXPRESS WHEN CREATING MUSIC: MUSIC THERAPY MEDIATING INTERRELATIONSHIPS

**ABSTRACT:** Among other artistic expressions, Brazilian young people prefer music. Through musical activities they can express their preferences, attitudes, and life style. This work aimed to observe and systematize the musical and social relationships performed by a group of young people during a music therapy process. This qualitative and intervention research was carried out with the observation of musical and music therapy interactions of a young people group. Techniques such as song re-creation, body expression, and the use of musical instruments were used. Data analysis involved a thematic strategy and the categorization of emerging themes. Results suggest that the musical activity triggered interrelationships leading the participants to think about the present

and plan the future while promoting participant's empowerment and achievements.

**KEYWORDS:** young people, music, music therapy, group.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, o lugar social dos jovens é instável. Muitos deles ficaram à mercê das contradições da realidade brasileira que não conseguiu promover uma sociedade mais igualitária quanto ao acesso aos bens materiais e culturais (CASTRO, 2011). Portanto, parece que muitas dificuldades cercam o agir dos jovens na nossa sociedade. A construção de um plano de futuro, tanto na vida pessoal como na vida pública, esbarra na desconfiança e na dúvida quanto a poder construir ou transformar o curso de suas vidas.

Mesmo assim, a juventude busca alternativas para comunicar comportamentos e atitudes com os quais se posicionam diante da realidade (DAYRELL 2011; CASTRO, 2011; LÓPEZ, 2015). Nos espaços em que se reúnem, geralmente há a presença de diferentes expressões culturais, como a música e a dança. Por meio dessas linguagens eles tornam o corpo, as roupas e comportamentos, veículos comunicantes de suas posturas políticas e de seus estilos de vida no intuito de diminuir a invisibilidade que desfrutam no seu entorno (DAYRELL, 2002).

A partir destas constatações, buscou-se neste trabalho, observar e sistematizar aspectos das interações de um grupo de jovens no decorrer das relações que estabeleciam com a música em um processo de musicoterapia. As ações dos participantes geraram trocas sociais marcadas pela ludicidade, criação sonora, protagonismo e projeções para o futuro. Eles constataram que, nas vivências musicoterapêuticas, houve um espaço de construção de visibilidade e autonomia.

## JUVENTUDE, MÚSICA E MUSICOTERAPIA

A juventude, uma etapa da vida de caráter universal, caracteriza-se pelas transformações com as quais o indivíduo completa seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. A forma como cada sociedade, cada grupo social, vai lidar e representar esse momento é muito variado. Essa diversidade interpretativa se dá pelas condições históricas, sociais, culturais, étnicas e também das localizações geográficas (DAYRELL, 2001).

Entende-se então, que há uma diversidade nas formas de se entender a juventude. As variáveis passam por referências etárias, contexto social, gênero, etnia, nacionalidade entre outras (SILVA, 2016), que se estendem para mais do que o aspecto circunscrito a condições psiconevolutivas. Há considerações sobre uma construção social, um conjunto de experiências de ser jovem (SILVA, 2016), como uma pluralidade de acontecimentos humanos que exigem reconhecimento (ALVARADO;

ARATA, 2015), uma geração com uma produção cultural, social e histórica específica (GAMAZ *et al.*, 2016). São óticas que reforçam a diversidade inerente de um pensar mais em juventudes do que em juventude.

Pode ser que, por se situarem em tal complexidade, o interesse dos jovens por processos culturais seja tão marcante. Esses processos têm vínculo com o reconhecimento de si, com a constatação de que como pessoas, estamos em constante estado de modificação (ALVARADO; ARATA, 2015). Assim, ao atuarem sobre ambiente por meio de elementos estéticos, os jovens assumem um papel de protagonistas (DAYRELL, 2002), pois, constroem um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca.

As práticas culturais, principalmente as musicais, são indicadas pelos jovens como as de seu maior interesse (BRENNER *et al.*, 2005). Os jovens lançam mão da dimensão simbólica como sua principal forma de comunicação. É consenso, entre os autores aqui citados, de que a arte se torna, para os jovens, um veículo para expressar atitudes e opções diante dos pares e da sociedade (DAYRELL, 2002).

A música é a atividade que mais mobiliza a juventude. A arte musical abre a possibilidade de uma ligação direta com as experiências do dia a dia, bem como com os pensamentos e sentimentos que constroem em relação aos fatos que vivenciam (DAYRELL, 2002; BRENNER *et al.*, 2005). Dessa forma, a música, como um recurso socializador e integrador, instiga a ação, a reflexão e se torna ponto de partida para abordar os processos interativos do dia a dia. A juventude vive e convive nos espaços da vida cotidiana que é “a vida do homem inteiro” (HELLER, 2008, p.31) e que acontece nas instâncias privada e pública.

A musicoterapia social é um campo de saberes que pretende se aproximar da vida cotidiana. É na existência real, nas sonoridades que as pessoas criam e recriam nas suas convivências, que os fazeres musicoterapêuticos encontram material para entender o ser humano, suas manifestações e os fenômenos que decorrerem da interação com o som e seus elementos: timbre, altura, intensidade e duração” (CUNHA, VOLPI, 2008, p.86).

No ambiente musicoterapêutico as pessoas se comunicam por meio de criações sonoras. O musicoterapeuta acolhe e participa das manifestações das pessoas e com elas interage musicalmente. No que se refere aos jovens, o fazer parte de grupos musicoterapêuticos, oportuniza o convívio, a interação, a experiência com a música, a arte, a cultura que escolhem como suas preferidas. Por meio dessas expressões simbólicas eles podem expressar suas formas de agir e pensar. Quando os jovens participam de atividades musicais em musicoterapia, o fenômeno sonoro produzido pelo grupo torna-se a base das relações que acontecem naquele ambiente.



## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve por objetivo observar e sistematizar aspectos afetivos e cognitivos das interações de um grupo de jovens no decorrer de um processo de musicoterapia. A abordagem qualitativa e exploratória foi a escolhida por permitir a interação entre pesquisadores e participantes em ambiente existencial compartilhado (BAUER; AARTS, 2015). Para a construção dos dados foram realizados 28 encontros orientados pelas teorias e práticas da musicoterapia. Utilizou-se da observação direta e da participação da pesquisadora nas atividades. Os dados foram registrados em um Roteiro de Observação criado para esse trabalho com base em Cunha e Lorenzino (2012) e depois analisados segundo a recorrência dos acontecimentos.

Após aprovada em comitê de ética (CAAEE 50302415.0.0000.0094), a obtenção de dados foi desenvolvida por quatro estagiárias que cursavam o 5º período do curso de graduação em Musicoterapia, no ano de 2015. A equipe seguia uma agenda que constava de: 1- composição de um plano de atividades a serem propostas para o grupo de jovens, 2- orientação semanal com uma professora musicoterapeuta para a discussão dos fatos observados nos encontros, 3- relato escrito, em diário de campo, dos acontecimentos e reflexões articuladas na orientação. As autoras deste texto faziam parte da equipe e, para poder obter dados para a pesquisa, preenchiam os Roteiros de Observação como complementação de outras atribuições.

Dezessete alunos participaram da pesquisa. Eram dez meninas e sete meninos, entre onze e quinze anos, na época cursavam do 6º ao 9º ano de uma escola de ensino público municipal. Os alunos foram indicados pela direção da escola e todos os encontros ocorreram em contra turno escolar. O grupo adotou uma formação semi aberta pois não havia obrigação de presença. A disposição e interesse dos alunos nas atividades foram a base de formação grupal. Nos critérios de inclusão constaram o fato dos alunos frequentarem a escola nessas séries e poderem comparecer às atividades pela tarde.

Os encontros eram semanais, com duração de três horas, nos dois semestres escolares. As atividades de caráter musical e musicoterapêutico constaram de ações como: explorar/tocar instrumentos, cantar, dançar, usar a voz cantada no *karaoke*, participar de dinâmicas culturais de ciranda, capoeira, *rap*, executar ritmos nos instrumentos de percussão, discriminar intensidades e andamentos. Também foi considerado o uso da palavra para expressar ideias, sugestões e opiniões.

Para registrar as manifestações do grupo a cada encontro, constavam no Roteiro de Observação os seguintes itens: 1) iniciativas, 2) solicitações, 3) interações com colegas e mediadores do grupo, 4) temas abordados, 5) característica da atenção e envolvimento, 6) opiniões, 7) características musicais (ritmo, intensidade, melodia, gêneros). Os dados obtidos foram organizados conforme a sua recorrência, em uma tabela. A análise temática seguiu as indicações de Gomes (2007), e constou do agrupamento das manifestações relacionais, verbais e musicais dos participantes.

Os dois primeiros encontros serviram de projeto piloto e tiveram o objetivo de aprofundar a discussão sobre a eficácia do instrumento de observação e dos dados por meio dele obtidos. Dessa forma, após verificar a viabilidade do uso, apresenta-se aqui a análise dos dez Roteiros de Observação completados para a pesquisa, inclusive os dois pilotos. Os dados foram apresentados de maneira coletiva, sempre se referindo ao grupo uma vez que o interesse não foi descrever as manifestações individualizadas dos jovens e sim as coletivas. Dessa forma, não foram citados os nomes dos participantes.

## APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Neste tópico, estão disponibilizadas os temas encontradas na organização dos dados. Ao todo, cinco temas foram discutidos: ludicidade, competição, criação sonora, protagonismo, relacionamento paradoxal e projeção para o futuro. Para finalizar, algumas das opiniões dos participantes foram apresentadas.

## LUDICIDADE E COMPETIÇÃO

O envolvimento em ações musicais podem acontecer em reuniões, festas, torcidas, grupos, que são eventos nos quais os jovens gostam de se inserir (DAYRELL, 2011). Nessas ocasiões, a música se insere na categoria ludicidade por proporcionar um intervalo, um trânsito entre as obrigações do cotidiano e iniciativas de lazer (HIKIJ, 2006). Para Hikiji as atividades lúdicas se diferenciam das atividades da rotina da vida cotidiana por não terem compromisso com a ordem da vida prática.

Na dinâmica interacional do grupo, disputas se misturavam com atividades lúdicas. Eles sugeriam ações de difícil solução, mas os desafios eram sempre aceitos pelo grupo. A competitividade se expressava na busca por provar competências para vencer jogos. Nos jogos lúdico-musicais, a expressão de temas passionais foi recorrente, as canções por eles escolhidas falavam de relacionamentos amorosos. Esses assuntos eram tratados entre risos e provocações dirigidas ora para as meninas, ora para os meninos.

No decorrer das participações eles disseram: “Perdedor é campeão também”, “Não professora, não queremos complicar para propostas mais complexa”. Com essas opiniões eles mostraram vontade de equilibrar as relações no grupo, porém se interessavam pela qualidade das propostas e achavam que perdedor e campeão estavam no mesmo patamar entre eles.

Nos Roteiros de Observação aqui estudados, pode-se ler as seguintes anotações a respeito de competitividade e da construção lúdica do grupo.

Competição: Jogos de ganhar/ perder com todo o grupo, coesão.

Interesse na competição, disputa, quem ganha, quem

chega primeiro.

Confronto: poder, exaltação de ânimos com os jogos.

Voz em intensidade forte (grito) nas disputas para/ adivinhar, cantar, falar.filmes.

Atividades citadas como preferidas: desenhar, pintar, andar de skate, jogar bola, pensar no futuro, conversar com os amigos e com pessoas da família.

(Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

## CRIAÇÃO SONORA

A criação musical interessa aos jovens por desencadear dinâmicas de associações, lembranças de situações pré-existentes e projeções para resolução de conflitos (HIKIJ, 2006). Esse movimento afetivo e cognitivo aguça a consciência de sentimentos que experimentam ao praticar ou compartilhar a música.

O fazer musical em grupo possibilita a comunicação, é uma ação marcada por relações que atuam sobre valores, posturas e formas de se apresentar ao mundo. Entre os elementos musicais trabalhados com o grupo, destacou-se o ritmo, ou seja, *movimentos que se repetem em intervalos regulares*. De forma geral, os participantes se implicaram mais nas propostas centradas na execução rítmica do que o cantar e dançar.

Não gostei do ritmo achei difícil,

Divertido, tive dificuldade no ritmo.

Legal, gostei da música, não do ritmo,

Gostei do ritmo.

Gostei da hora que passa os instrumentos,

Pandeiros, timba, violão, caxixi, bongo, ovinhos, violino.

(Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

No trabalho melódico do grupo foi perceptível a presença de elementos da cultura popular brasileira. Eles se organizaram em equipes para executar canções. No repertório predominaram os gêneros sertanejo e *rap*. As meninas preferiram o *rap* com letras faziam críticas à sociedade. Os meninos expressaram mais repertório sertanejo, com temas passionais. A maioria das músicas executadas estava na mídia. As dinâmicas de cantar, ouvir e atribuir sentidos, estimulavam a prontidão corporal em consequência da escuta. Quando instigados a revelar algum conteúdo afetivo a partir da atividade musical, as frases citadas foram: “ver minha família feliz”, “ver meus amigos”, “ter saúde”, “estar aqui”, “andar de skate”, “comer e estar com pessoas”.

As anotações dos Roteiros de Observação deram conta das seguintes

manifestações.

Colocaram a letra da canção Marcha Soldado na atividade rítmica para dar pulso e controlarem, por meio da letra, a noção do ritmo da célula proposta.

Atenção para aprender os passos e a letra da ciranda.

Dificuldade nos movimentos corporais da ciranda, de andar em grupo no ritmo sincronizado. Concentração na sincronização do movimento rítmico.

Gêneros executados: rap, rock, pop, eletrônico, funk, reggae, sertanejo, pagode.

Escolheram suas canções. Ações mais executadas: Tocar, cantar, dançar.

(Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

## PROTAGONISMO

Nos espaços de convívio, os jovens desenvolvem e resolvem confrontos, tomam iniciativas e fazem propostas, todas ações de protagonismo. Nesse processo acumulam um repertório de relações que lhes facilita a participação. Hikiji (2006) considera que os elementos simbólicos fazem parte dessas relações, a música seria um espaço de ação social, não somente reflexiva, mas também geradora de iniciativas de protagonismo.

O grupo fazia críticas, comentavam sobre suas execuções. Alguns participantes afirmavam que “as pessoas têm pensamentos e atitudes diferentes umas das outras, que não podemos ser levados pela conversa e opiniões de outras pessoas”. Quando ouviam comentários feitos pela equipe de estagiários, os jovens elaboravam o que ouviam, e expressavam que haviam entendido. Eles admitiam que haviam sido “bagunceiros”, que algumas atividades foram empolgantes, legais e criativas e destacaram como preferida, a brincadeira do Passa Anel.

O protagonismo desses jovens se manifestou na criação de opiniões e posturas que marcaram suas participações nos encontros. Para eles a diversidade era assumida pelo fato de que eles não eram todos iguais e optavam por conviver sem fazer aos outros o que não gostariam que fizessem para si. (Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

No Roteiro de Observação, no tópico discussões, foram listadas as seguintes observações:

Solicitam e opinam sobre atividades.

Comentam as atitudes e formas de participações dos colegas, conversas paralelas,

Criam gestos corporais para acompanhar melodia, escolhem instrumentos e os exploram.

Alguns se empenham para tocar, outros tocam por tocar.

Dedicam canções aos colegas.

Ensinam uns aos outros (troca de conhecimento entre colegas).

Definem quem faz o quê nas atividades.

Organizaram equipes para executar a proposta do grupo.

Opiniões que articularam sobre suas próprias participações:

Sei ler bem.

Nem todos são iguais, não podemos ir na conversa dos outros.

Não gostei da música que fizeram para nós.

Muitos cortes, agente é bagunceiro e vocês cortam.

Empolgante, é palavra que diz tudo.

Legal, achei criativo.

Mais gostei foi passa anel.

Convivência, não fiz porque não gostaria que fizessem comigo.

Todos respeitam, quando um tá falando e outro fica quieto.

(Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

## RELACIONAMENTO PARADOXAL

Os jovens enfrentam padrões sociais impostos pela cultura onde se inserem, nem sempre sem conflitos. Vivem no paradoxo da aceitação de modelos rígidos, socialmente convencionados, em contraste com a flexibilidade própria de ser jovem (SOUSA, 2011). Com isso, assumem posturas de contestação, e, ao mesmo tempo, geram perspectivas de mudanças dos próprios padrões comportamentais.

Nas interações observadas, ouvimos vozes com intensidade forte, gritos e palavras ofensivas, beirando a agressão. Havia, entre eles, um código de comunicação, uma troca de olhares e palavras que só eles entendiam, um repertório de sinais próprio ao grupo. O relacionamento intragrupo revelou o paradoxo entre os padrões sociais vigentes e a construção de uma forma alternativa de comunicação, como o código do grupo.

Com essa postura transgressora, os jovens participantes projetaram para seu

futuro o desejo de especializarem-se em profissões diversas, porém tradicionais, mostrando indícios do desejo de inserção. Nos Roteiros de Observação constaram anotações sobre este comportamento paradoxal em posturas, palavras e gestos.

Uso de palavras ofensivas e palavrões.

Intensidade de voz fortíssima.

Interação mediadas por gritos no trabalho intra grupo.

Troca de olhares, risos e gestos em sistema de comunicação interpretado entre eles.

Provocações corporais em agressões ou muita proximidade física com carinhos.

(Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

## PROJEÇÃO PARA O FUTURO

Dayrell (2011) comenta que os jovens tem um conjunto de desejos e sonhos, de projetos, sentidos e inovações. A projeção de metas para o futuro contribui para o fortalecimento da auto-estima (HIKIJ, 2006). Os ideais dos jovens vão além do imediato, do presente, são motivações que se apresentam em “um discurso ainda a ser desvelado quando ao seu significado” (LEÃO, 2011 p.108).

Quando em atividade, os participantes falavam sobre seu futuro, diziam que queriam se preparar para exercer profissões de “psicólogo”, “jogador de futebol”, “bombeiro”, “policial”, “professor de educação física”, “médica”, “tio da van”, “veterinário”, “dentista”, “publicitária”, alguns não sabiam o que queriam estudar. (Registros retirados dos Roteiros de Observação, 2015).

Os comentários dos jovens a respeito dos seus projetos para o futuro mostraram diferentes motivações, mas todos estavam centrados em completar os estudos para se inserirem no mercado de trabalho. Naquele grupo, os jovens se sentiam cidadãos de direitos capazes da inserção em diferentes segmentos profissionais. Aqui, a reflexão de Castro (2011, p.306) se torna oportuna “a radicalidade do jovem constitui um recurso efêmero... logo o jovem desejará se inserir na ordem social como adulto, abdicando de sua posição de contestação”.

## OPINIÕES

Para fechar esta reflexão segue uma lista das opiniões dos participantes sobre o processo musicoterapêutico vivenciado.

A atividade foi legal.

Fiquei motivado ouvindo todo mundo falando.

A gente tem sentimentos.

Gostei de compor, gostei do que compuseram.  
É, gosto de falar que compusemos uma música nossa.  
Gostei porque falamos de coisas que não se  
pode falar em qualquer lugar.  
Fiquei um tempo envergonhada, mas deu tudo certo.  
Quero que toda musicoterapia seja alegre e animada.  
Da música que agente tocou, gostei.  
Eu estou mais amiga dos outros do que antes.  
Estou mais chata, mais criativa.  
Não mudei nada. (o grupo retrucou): Mudou sim, você  
está mais simpática.  
Você se enturmou bastante.  
Mais quieto.  
Mais influenciável.  
Enturmei mais com as pessoas.  
Não conhecia metade da turma agora conheço.  
Fiquei mais alegre com o grupo. Estou falando mais.  
Fiquei mais amiga das pessoas.  
Me enturmei mais, não falava com ele.  
Eu estou falando demais.  
(Registros retirados dos Roteiros de Observação,  
2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias: ludicidade, criação sonora, protagonismo, relacionamento paradoxal e projeção para o futuro foram as que se destacaram no conjunto dos dados analisados. Inserido nessas categorias estão os aspectos afetivos e cognitivos das interações dos jovens. Como anteriormente descrito, as ações do grupo foram baseadas em atividades musicais de cunho musicoterapêutico, assim essas categorias de análise resultaram de uma prática musical específica ao contexto afetivo e cognitivo daquele grupo.

O contexto teórico e prático utilizado neste estudo foi determinante para a construção do entendimento do conjunto das ações do grupo. Vimos que a atividade musical desencadeou dinâmicas cognitivas e afetivas nos participantes e que a percepção do som estimulou representações simbólicas e iniciativas concretas de ação. Nas interações, destacaram-se aspectos cognitivos como a percepção do som, a caracterização de suas propriedades, a associação de imagens e sentimentos a elas

atribuídas.

A ludicidade foi manifestada na implicação do grupo em jogos e desafios. Os jovens pareciam gostar desse aspecto relacional, porque se envolviam de forma coesa nas situações de ganhar e perder. Eles criaram estratégias para criticar sem ofender ou excluir quando houve diferença quantitativa ou qualitativa na execução das equipes.

A criação sonora, representada na expressão de ritmos, gêneros e canções escolhidas e executadas pelos jovens, estimulou a atenção, a concentração, a ativação da memória, a associação de ideias, a imaginação e a socialização. Esses movimentos podem resultar na construção de um conhecimento sensível sobre si e sobre a realidade.

No protagonismo, pudemos constatar que os jovens se impõem para que a sociedade possa vê-los e ouvi-los (DAYRELL, 2002). Os jovens resolveram confrontos, solicitaram opiniões sobre as atividades, criaram gestos corporais para acompanhar a melodia, articularam comentários sobre a execução musical dos colegas e organizaram equipes para executar as propostas do grupo.

Sobre o comportamento paradoxal, os jovens manifestaram postura de contestação ao que já estava convencionado. No aspecto projeção para o futuro, mesmo sem querer seguir padrões socialmente impostos, eles expressaram o desejo de estudar, trabalhar e escolher uma profissão tradicional como forma de inserção no universo adulto.

Expressões de formas de sentir e agir dos participantes foram as de perceber-se apaixonado, rivalizando na disputa por um parceiro para trabalhar em equipe ou para se eleger como namorado ou namorada de algum dos colegas. Esses sentimentos eram declarados nas letras das canções, nas escolhas e nos comentários que faziam.

Mesmo que se encontrassem implicados nas sensações românticas, a praticidade também fez parte de suas ações em processos de concentração e atenção para se apropriar de sincronização de movimento rítmico e passos de danças. As atividades rítmicas (nas quais o grupo mostrou dificuldades) demandaram discriminação do certo e do errado, a compreensão de movimentos, a apreensão de gestos e sua execução em sequências sincronizadas.

A expressão corporal rítmica foi uma dificuldade apresentada pelos participantes em contraste com facilidade de execução de canções passionais de gênero sertanejo e *rap*. O conjunto dessas expressões formou um repertório musical, gestual rítmico daquele grupo. Dessa forma as dinâmicas de atenção, concentração, memória, percepção e compreensão foram estimuladas e associadas, pelos próprios participantes, aos afetos que lhes eram imediatos.

Outros aspectos como escolhas e construção de críticas, comentários e ações exigiram o metaprocessamento dos fatos, ou seja, a ação de pensar sobre um pensamento já estabelecido. Essa atividade em geral resultou na reflexão e construção de uma visão diferente daquela obtida na primeira informação.

Embora diferentes aspectos da interação dos jovens tenham sido aqui



sistematizados e discutidos separadamente, um não teria acontecido sem o outro. Importa destacar que as atividades foram sugeridas tanto pela equipe de estagiárias como também solicitadas pelos participantes. Procuramos construir um espaço onde a criatividade e a ludicidade dessem lugar a dinâmicas afetivo-cognitivas que fortalecessem potencialidades e possibilidades de modificação pessoal.

Os participantes do grupo aqui estudado moravam na mesma comunidade e estudavam na mesma escola. Havia mesmo assim, uma diversidade de costumes entre esses jovens que eram amigos, mas conviviam com situações diferentes quanto à estrutura familiar, financeira e cultural. Essa diversidade não impedia que respeitassem limites individuais, que fossem solidários, embora nas suas relações permeassem o julgamento de valor e a rivalidade entre meninos e meninas.

Estas características do grupo se estenderam para dentro do ambiente das interações musicoterapêuticas e se revelaram nas atitudes manifestadas nas atividades musicais. Nesse ambiente inter-relacional foi possível perceber assiduidade dos participantes que, embora não fossem obrigados, compareciam pontualmente aos encontros. Eles vinham com sugestões e ideias para as vivências, agregavam elementos musicais novos em seus repertórios, criavam estratégias para resolver as atividades propostas. Essas manifestações mostraram o quanto os jovens se implicaram para viver e compartilhar o espaço de participação social que foi oferecido pela escola.

Com estas conclusões pudemos entender que os encontros musicoterapêuticos, para aqueles jovens, não se resumiram a um passar do tempo, ou a uma ocupação para tirá-los da rua. Ao contrário durante as atividades, na interação entre os jovens e seus repertórios simbólicos, aconteceram dinâmicas que permitiram a expressão de ideias, o compartilhar de conhecimentos musicais, a resolução de conflitos com descontração e diversão. A música foi o meio que proporcionou aos participantes um lugar social onde partilharam significados culturais que se expressaram na ludicidade, na criação sonora, no protagonismo, no relacionamento paradoxal e na projeção para o futuro daqueles jovens. Ao cantar, dançar e tocar os instrumentos, eles se fizeram audíveis, logo visíveis. O acesso aos bens culturais permitiu que eles tornassem o ambiente escolar em um lugar de encontro, convívio e liberdade de expressão.

Neste espaço, conflitos e desencontros foram manifestados em rotas que nem sempre se desdobraram em reconciliações. No entanto, essas experimentações deram voz e materializaram atitudes e opiniões que eles puderam modificar ou confirmar. Nesses territórios desconhecidos eles transitaram por ideais e comportamentos diferenciados, conhecendo mais de seus limites e possibilidades de pensar, sentir e agir.

Ao término dos encontros, no final do ano letivo, nos deparamos com os olhares daqueles jovens indagando pela continuidade dos trabalhos. Essa foi uma das necessidades com a qual nos deparamos: a instalação de um espaço fixo que gerasse a confiança dos jovens da comunidade quanto à permanência dos vínculos criados,

das atividades compartilhadas, da convivência com os bens culturais. Embora a escola disponibilizasse salas e instrumentos, ainda assim estávamos atrelados a um horário e calendário acadêmico. O projeto foi reativado no ano seguinte, após o período de férias. Alguns participantes voltaram e novos alunos integraram o grupo. Os que desistiram relataram a vontade de voltar, porém, estavam com dificuldade devido às aulas de reforço ou porque precisavam ajudar em casa. Outros que moravam mais distante, não tinham acesso a um transporte para voltar para casa. Outros estavam entrando no mercado de trabalho, precisavam de horários alternativos para os encontros.

Situados nos eventos do dia a dia, os jovens, para seguir seus projetos, abriram mão da participação nas atividades musicais. Acreditamos na necessidade de uma estrutura social mais sólida para que opções de participação em variadas atividades possam ser oferecidas aos jovens. Só assim eles poderão confiar na construção de espaços vitais onde sua invisibilidade seja substituída pela capacidade de agência e decisão que esses jovens revelaram em suas interações.

Estas reflexões finais se confirmam nas opiniões dadas pelos jovens a respeito do trabalho musicoterapêutico que vivenciaram. Segundo suas próprias palavras, nos encontros eles se sentiram motivados, entraram em contato com seus sentimentos, puderam ser espontâneos, tiveram liberdade para dialogar, de reafirmar amizade. Eles lamentaram a finalização dos trabalhos e solicitaram o retorno da musicoterapia na escola. Todas essas ações aconteceram mediadas por recursos musicais que o grupo sugeriu, acatou e transformou. Característica da prática musicoterapêutica, nessa dinâmica interacional, a música foi a base sobre a qual esses jovens instalaram domínios sobre o meio circundante em batalhas rítmicas e melódicas de vozes intensas, muito afeto e protagonismo social.

## REFERÊNCIAS

ALVARADO, S. V.; ARATA, N. 2015. Prólogo. In: HERNANDÉZ, A.; CAMPOS-DELGADO, A.E.(Orgs). *Actores, redes y desafíos: juventudes e infâncias en América Latina*. Tijuana, El Colegio de la Frontera Norte/FLACSO, p13-21.

BAUER, M.; AARTS, B. 2015. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M, GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Editora Vozes, p.17-36.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. 2005. Cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H.; BRANCO P. (Or.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo, Editora Abramo, p. 175-214.

CASTRO, L. R. 2011. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: MOREIRA, M. I. C.. DAYRELL, J. (Org.) *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte, PUC Minas, p. 299-324.

CUNHA, R. VOLPI, S. 2008. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. *Rev.Cient. FAP*, v 3, p. 86-87.

- CUNHA, R. LORENZINO, L. 2012. The secondary aspects of collective music-making. *Research Studies in Music Education*, v.34, p.73-88.
- DAYRELL, J. 2001. *A música entra em cena: o funk e o hip hop na socialização da juventude em Belo Horizonte*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade São Paulo, 409 p.
- DAYRELL, J. 2002. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, Jun. vol.28, p.117-136.
- DAYRELL, J. 2011. Cartas de Belo Horizonte. In: Moreira, M. I. C. STENGEL, M. (Org.) *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte, Editora PUC Minas, p.16-17.
- GÁMAZ, A. V.; MATÍNEZ, N. V.; CÓRDOBA, S. F. 2016. Jóvenes en los intersticios de la precariedad, exclusión y violencia. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 52, n.3, set/dez, p. 396- 404.
- GOMES, R. 2007. Análise e interpretação de dados qualitativo. In: MINAYO, M.C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes, p. 79-108.
- HELLER, A. 2008. *O cotidiano e a história*. São Paulo, Paz e Terra, 158 p.
- HIKIJ, R. S. G. 2006. *A música e o risco*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 250 p.
- LEÃO, G. 2011. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. (Org.). *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte, PUC Minas, v.1. p 99-11.
- LÓPEZ, L. J. 2015. Educacion en artes, ciudadanía y cultura de la paz: acompañamientos artísticos-culturales en escenarios de violencia. In: In: HERNANDEZ, A.; CAMPOS-DELGADO, A.E.(Orgs). *Actores, redes y desafíos: juventudes e infâncias en América Latina*. Tijuana, El Colegio de la Frontera Norte/FLACSO, p. 213-234.
- SILVA, T. A. 2016. Políticas Públicas de juventude e meio ambiente: o que a percepção socioambiental dos jovens pode dizer? *Ciências Sociais Unisinos*, 52(2), maio/agosto, p. 214-222.
- SOUSA, S. M. G. 2011. Juventude, pesquisa e extensão: interfaces, diálogos e possibilidades. In: DAYRELL, J. *Retrato da juventude brasileira: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, p.417-443.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-378-1

